



## A ALMA PENADA I FRANCISCO GOUVEIA

1915

Não há terrinha transmontana que não tenha no seu rol de historietas, uma de almas penadas, espíritos do além ou de fantasmas horrendos. Entre diabos, diabretes, mafarricos, trasgos e duendes, o povo que escolha. Geralmente, a imaginação popular não vai além da alma errante de um conterrâneo que era reconhecidamente mau, tido como pessoa de mau carácter, e que passou a barreira da morte conservando estas particularidades. Assim, quem corresponder a este perfil, em vida, tem garantida a eternidade depois da morte, pois o povo se encarregará de o fazer voltar às ruelas e caminhos da aldeia, no seio das noites escuras, para assustar os pobres humanos com as suas travessuras.

As almas penadas são as mais comuns. Almas que, como o nome indica, penam no outro mundo, isto é, espiam culpas ou sofrem punição pelos pecados que cometeram neste. Assim, não é difícil ao povo escolher o sujeito da sua superstição. Basta que alguém da aldeia granjeie a outro, por falatórios ou verdades, a fama de verdadeiramente mau, para este ter assegurado uma vida depois da morte pejada de assombramentos. Mas há que considerar que a vida de uma alma penada não é fácil, sempre à procura de gente inocente (quase sempre desinteressante por medrosa), a só poder andar à noite – e nas noites mais escuras – a ser obrigada a atitudes apalhaçadas como as de zurrar, soprar ventos, sussurrar gemidos, arrastar correntes, gargalhar em eco. Uma estopada de ofício! E depois, aquele desconforto de ser amiúde visitante dos cemitérios, sítios que, como se sabe, são férteis em ajuntamentos de fantasmas e almas condenadas. Ora se uma alma penada que se preze foi gente de condição e educação, não deve ser muito agradável ter de visitar lugares tão mal frequentados. Até os próprios mortos, pacíficos na sua maioria e que só querem sossego, se devem sentir incomodados pelas diatribes destas almas que não param quietas.

Vem isto a propósito de uma história antiga que se conta numa aldeia muito pequena e escondida numa serra deste Douro, cujo nome, por razões de sigilo, decidi omitir. Ia o século XX nos primórdios e nem se sonhava ainda com a luz eléctrica. Punha-se o sol e a escuridão era total. Nos casebres, os candeeiros de azeite ou petróleo amainavam o breu enquanto o patrão da casa não desse ordem de recolha, coisa que se fazia muito cedo, aí pelas sete ou oito da tarde, altura em que o rei-sol se recolhia. Ora, esta escuridão natural, quando ampliada pela falta de lua, era o cenário ideal para que as almas penadas saíssem dos seus sepulcros. E então, bastava o simples bocejo de um mocho ou o piar de uma gralha para que a criançada se metesse entre lençóis, cabeça tapada, encolhida como chouriço, a tremer de medo. E se zurrava o vento, então é que previam o fim do mundo: daquela noite não passavam. E só quando o cansaço lhes derrubasse o medo e os metesse sono dentro é que conseguiam algum repouso. Quando o cantar do galo anunciava o novo dia, respiravam fundo, desabafando ao acordar: «*desta já escapamos*».

Numa noite de fraco luar, o Zé Boinas veio tarde. O sol já se havia posto há muito e ele ainda a caminhar na serra, rumo a casa. Tinha ido ganhar o dia à aldeia vizinha e acabara já tarde, à feição de terminar o serviço e não ter de lá voltar no dia seguinte. O patrão, satisfeito pela obra pronta, pagou-lhe o combinado, encheu-lhe a cabaça de vinho e deu-lhe um naco de queijo de cabra. O Zé, que durante o dia já tinha emborcado este mundo e o outro de briol, – porque a pinga era à descrição como era uso –, já estava um pouco ourado. E mais ficou quando resolveu esvaziar meia cabaça, goela abaixo. Se meio borracho vinha, borracho inteiro ficou, e foi com sacrifício que conseguiu acertar com o caminho para a sua aldeia, se bem que o atalho fosse largo e de bom piso. Mas o raio do vinho numa estrada fazia duas,





igualzinhas, e, às vezes, a andarem à roda! Foi a custo que conseguiu entrar no povoado, noite cerrada. E foi então que rematou a bebedeira acabando por esvaziar a cabaça. Logo o tinto lhe inundou os miolos que já não iam lá em muito bom estado. Vai daí, completamente bêbado e cambaleante, encostou-se a um muro julgando que, para além de o segurar, lhe guiaria os passos até casa. Engano seu pois a borracheira era tanta que não dava pelo sítio onde estava. E foi assim que, ao encontrar uma cancela aberta, por ela entrou com alarido, desamparado, até se estatelar contra o primeiro obstáculo. Esperneou, segurou-se com firmeza nas mãos, e lá conseguiu levantar-se, mas por pouco tempo. Logo após, cai de cangalhas batendo com o cu numa peça de madeira, que se partiu. Voltou a erguer-se, rodopiou em desatino, e daquele carrossel só sentiu que ia deitando abaixo peças de barro e madeira. O ruído de cacos a partirem-se deu-lhe sinal de que estaria em sítio estranho. Tentou equilibrar-se de pé, e ainda conseguiu dar dois passos até que, com estrondo, caiu novamente desamparado em cima de algo pesado, que tombou com ele. Voltou a erguer-se, mas continuou a não atinar com o caminho de casa. E voltou a arrastar-se ao mesmo tempo que ia tropeçando em vários objectos que, ou se partiam, ou saíam dos seus sítios. Até que, já completamente esgotado e com o pensamento sem dar sinal de siso, uma náusea profunda começou a rondar-lhe a testa, vinda do âmago do ventre, e trás! Ali mesmo descarregou os litros de tinto num vomitado imenso e nauseabundo. Foi nessa altura que, mais aliviado, descobriu um recanto onde se encaixou. Parecia feito para ele. Ali se deitou, cozendo a bebedeira num sono pesado e profundo.

No dia seguinte, tocou o sino a rebate. A Ti Maria Perdigota, entrando cedo no cemitério como era seu costume para mudar as flores à campa do seu falecido, desatou aos berros perante a destruição total dos jazigos. Eram cruces de madeira partidas, vedações arrastadas, pedras de granito fora do lugar, floreiras partidas, flores espalhadas por tudo que era sítio, e até o mausoléu do defunto professor Bartolomeu, que tinha custado uma fortuna à família e era a coisa mais bem apresentada do cemitério, estava desfeito no chão.

Quem foi? Quem não foi? Logo se juntou a multidão da terra no local do estranho acontecimento. Mas ficaram todos cá fora porque ninguém se atreveu a entrar quando alguém levantou a hipótese de poder ser uma “alma penada”. Só o padre Aparício avançou a calcorrear as sepulturas. Procura aqui, procura ali, e nada que indiciasse o autor da façanha. Até que, cheirando-lhe à náusea do vomitado, se aproximou de um pequeno charco onde ainda se notavam pedaços de queijo de cabra misturados no roxo do vinho. «*Se é alma penada, gosta dele*» comentou sarcástico, e, ao examinar os bocados do queijo, «*e gosta de queijo de cabra, a danada*». E é quando ouve um rressonar vindo como que do fundo de um poço. Aproxima-se e dá com o Zé Boinas, deitado no coval que o Manel Coveiro deixou a meio por suspeitar que o velho Jacinto, doente há dias, estaria no fim.

O padre desata a rir, o povo vai-se aproximando, e o Zé acorda.

- *Com que então, agora curam-se as bebedeiras no cemitério, deitando tudo abaixo!? Grande alma penada cá andou!* – ironizou o abade.

O Zé Boinas, ainda atarantado, ao ver-se naquela situação não se descompôs e saiu-se com esta:

- *E o senhor padre não viu nada. Se não é eu estar a passar nessa altura e me meter à bulha com a alma penada, a danada arreventava com o cemitério todo.*

***in NÃO HÁ TERRA COMO A NOSSA  
(Contos serranos – Volume II)  
No prelo, a editar em finais de 2008***

